

A GÊNESE DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE UMA PROFESSORA: O PERCURSO DE SUA FORMAÇÃO

Biannca Alencar Nogueira¹, Poliana Martins Marinho Barros¹, Carmem Lúcia Artioli Rolim²

Resumo: Este ensaio é o resultado de leituras e discussões realizadas na disciplina de Concepções e Práticas da Formação de Professores. Nele buscamos pensar sobre a influência das vivências de um professor para a formação da sua identidade profissional. Para essa reflexão, partimos dos conceitos e discussões trazidos por autores como Penin (2008), Libâneo (2002), Pimenta (2002), Savater (2012), Cunha (2006), dentre outros estudos sobre profissionalização docente e sobre professor reflexivo. O que se pretende é apresentar as experiências ocorridas durante o processo de formação docente e como elas moldam a prática profissional. Queremos compreender as mudanças ocorridas durante o percurso formativo desse professor.

Palavras-chave: Identidade Profissional. Formação Docente.

1 INTRODUÇÃO

A concepção de um estado com mais isonomia e igualdade social só é possível a partir do entendimento que o ato de ensinar e de aprender com o outro é tão igualmente importante para o estabelecimento da nossa identidade como seres humanos quanto qualquer outro tipo de saber que se transmite sem intencionalidade.

Ensinar e aprender se materializam na profissão de professor que, segundo Penin (2008), foi o profissional do ensino que apareceu há pouco mais de 300 anos, no século XVII, nas lutas pela democratização empreendidas pela burguesia revolucionária. Dessa forma, ao mesmo tempo que o professor se torna sujeito no processo de formação do homem, ele inicia a trajetória da sua profissionalização.

A relação pessoa/profissão ocorre ao longo da vida produtiva, num processo contínuo, ceivado, como é comum, de experiências tanto estimulantes quanto tensas e conflituosas. O termo profissionalização indica o processo de formação de um sujeito numa formação que se inicia na formação continuada. Impossível esse processo ocorrer sem a transformação do próprio sujeito que, por sua vez, dialoga com a transformação da realidade (PENIN, 2008, p. 650).

Podemos perceber que o processo de formação docente é contínuo e integra a formação inicial e continuada dos professores, além de abranger diferentes aspectos, como a construção e a reflexão de saberes e habilidades no desenvolvimento da própria identidade. Ainda, conforme Penin (2008), a compreensão do professor também é influenciada pelo vivido, ou

¹Mestradas do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFT

² Doutora - UFT

seja, pelo que ocorre na vivência de uma situação ou de um acontecimento. Entende-se assim que a formação docente é estabelecida no contexto das práticas do dia a dia que ocorrem entre os pares, além da própria experiência pessoal e profissional já vivenciada no decorrer de sua trajetória de vida.

De acordo com Libâneo (2002), o aprender a ser professor, na formação inicial ou continuada, se pauta por objetivos de aprendizagem que incluem as capacidades e competências esperadas no exercício profissional do professor com a finalidade de atender as necessidades de valorização do seu trabalho e responder as demandas dos alunos por uma educação de qualidade.

De acordo com Cunha (2006), “a formação não é um construto arbitrário, pois sua proposta decorre de uma concepção de educação e do trabalho que cabe ao docente realizar”, entendendo a sua profissão como uma atividade que exige reconhecer suas possibilidades e limitações e está apoiada nos seus saberes próprios e conceituais e na sua capacidade de pensar e responder ao pensamento de forma crítica.

Pensar é mais do que explicar. Para isso, as instituições precisam formar sujeitos pensantes capazes de um pensar epistêmico, ou seja, sujeitos que desenvolvam capacidades básicas em instrução conceitual que lhes permitam mais do que saber coisas, mais do que receber uma informação, colocar-se frente à realidade, apropriar-se do momento histórico de modo a pensar historicamente essa realidade e reagir a ela (LIBÂNEO, 2002, p. 72).

Portanto o que se enfatiza é a construção de uma formação docente como profissional reflexivo capaz de pensar com sua própria cabeça e que consiga articular todos os saberes necessários à melhoria das práticas de ensino e lidar com “as formas de organização dos espaços de ensinar e de aprender, comprometidos com um ensino de resultado de qualidade social para todas as crianças e os jovens.” (CUNHA, 2006, p. 44).

2 A GÊNESE DA IDENTIDADE DE UMA PROFESSORA

Desde criança percebi o acolhimento e amor desde a minha preparação ao sair de casa, durante o trajeto que caminhava com minha mãe até a escola e chegada lá. Lembro-me nitidamente da minha lancheira pronta e da *pichula* que me esperava lá dentro sempre com uma comida surpresa diferente.

Aos meus 14 anos, seguia minha rotina semanal de ida à igreja e comecei a me interessar pelo dom de ensinar através da catequese. Todos os domingos às oito da manhã, eu estava

de pé e feliz por ter esse momento de ensinar e aprender também. Ainda instigada pelo prazer do ensino, aos meus 15 anos comecei a pensar em possibilidades de ajudar financeiramente em casa. Como gostava de ensinar, ocupei a garagem de casa, comprei um quadro branco e comecei a dar aula de reforço para o ensino fundamental de todas as disciplinas.

Após algum tempo oferecendo as aulas de reforço, comecei também a alfabetizar os idosos, uma experiência única, pois aprendi muito com eles. Comecei então a equilibrar meus estudos com as aulas de reforço. Pensando em todo esse processo até então, percebo que o meu caminho escolar desde pequena até o ensino médio foi recheado sempre de muita atenção e amor provenientes das professoras da escola e do todo que ela englobava. Consigo ver a grande importância hoje daquela parte em que me via ajudando algumas pessoas a aprender, a ler e escrever, pois na época eu tinha um prazer enorme de tê-las ao meu lado.

Aos meus 16 anos, fui parando de dar aula de reforço por conta da correria dos estudos. E, aos meus 17 anos, ingressei no curso de Artes-Teatro na Universidade Federal do Tocantins. Houve mudança de cidade, aconteceu a distância da família e surgiram muitos questionamentos. No segundo período do curso, comecei o Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID). No primeiro momento, assustei-me e várias perguntas rondavam a minha cabeça. Questionava a quantidade de alunos em sala, entre outros.

A partir desse momento, em meio a confusões mentais, comecei a me apaixonar por estar dentro de uma sala de aula, pelos desafios e obstáculos que estavam contaminando meu corpo, minha mente e coração.

O processo de currículo e de como meu curso estava caminhando estava dando abertura para muitos pensamentos de desistência devido à dificuldade com o Projeto REUNI, que pressupõe a interdisciplinaridade. Para isso, existe a integração dos cursos de Licenciatura em Teatro e Licenciatura em Filosofia da UFT. Com o Reuni unindo filosofia e teatro, 90% das nossas aulas eram de filosofia, sendo que tínhamos sede de teatro, por isso e por outros motivos, muitos alunos desistiram.

Eu continuei, e o estágio e o PIBID foram alguns dos motivos que me fizeram seguir adiante. Percebi o quanto me sinto bem ao lado dos alunos conversando, trocando experiências e equilibrando o saber ensinar, brincadeiras em sala etc., sempre buscando algo que fosse singular, pois, segundo Cunha (2006), mencionar inovação num contexto tão adverso como a sala de aula é fazer uma profissão de fé que envolva a nossa condição de humanidade e a possibilidade de transformar os silêncios em possibilidades.

Meu percurso dentro da universidade foi recheado de certezas. Considerava estar no lugar certo. Também havia dúvidas, porque eu queria sempre aprender o mundo e era muita coisa ao mesmo tempo. Consegui compreender a partir de então que me realizava no espaço onde estava inserida e de como todos os instigamentos me faziam estudar e pesquisar a fim de compreender os contextos, conteúdos e vivências.

3 MINHA PRÁTICA

Meu medo sempre foi me acomodar, deixar de estudar e não conseguir correr atrás, mas a minha prática em sala de aula e o aporte de conhecimentos acumulados ao longo de minha trajetória são provas que eu não me acomodarei e não abandonarei minhas metas científicas. Sou apaixonada pelo ensino superior e desejo aprender mais. Esses fatores me levam a querer o Mestrado.

No meu dia a dia com os alunos, eles me chamam de “Brasil” pela forma espontânea, engraçada e sempre com um sorriso no rosto que converso com eles apesar dos obstáculos. Gosto muito de ouvi-los. Isso me realiza como profissional. Levo poesias que escrevo para iniciar a aula, faço uma aula prática sempre em equilíbrio com a teoria que falo em sala.

Em todo o meu processo, o mestrado é o que mais almejei e que mais estou lutando para compreender. Devido às falhas no meu percurso que geram dificuldades de compreensão, esforço-me diariamente para acompanhar as reflexões, as discussões e para me capacitar para a produção de conhecimento.

Fui escolhida pela educação, sou feliz por ainda ter a certeza disso, por continuar e por não abaixar a cabeça e lutar sempre, pois de acordo com Savater (2012), “a educação é valiosa e válida, mas também é um ato de coragem, um passo à frente da valentia humana. Covardes ou receosos, abstenham-se.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos à conclusão que todo o percurso de formação de um profissional da educação é válido mesmo que existam caminhos diferentes. Ao longo da trajetória há detalhes, entrelinhas e sutilezas inerentes a um processo de formação docente, pois se trata de formar-se para educar seres humanos com todas as suas peculiaridades e idiossincrasias.

Uma atitude marcada pelo conceito de professor reflexivo caminha nessa direção, pois facilita a análise crítica da nossa profissionalidade. Estamos em uma busca constante do que é fundamental na construção da nossa identidade e dos significados do ser professor. A base dessa busca pode ser o conhecimento, mas também a inspiração e a experiência.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Isabel da. *Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais*. Araraquara: Junqueira & Marins Editores, 2006.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 53-79.

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. Profissionalidade: o embate entre o concebido e o vivido. In: EGGERT, Edla; et al. (Orgs.) **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002 (Parte I – pp. 137-174)

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Sema Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil – gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

SAVATER, Fernando, 1947 - **O valor de educar** / Fernando Savater; tradução Monica Sthael. – 2. Ed. – São Paulo: Planeta, 2012.